

Coleção Encanto Radical, história e redemocratização: produção biográfica na editora Brasiliense¹

Felipe Quintino²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul– UFMS

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar e analisar a coleção de vertente biográfica chamada Encanto Radical, realizada na editora Brasiliense na década de 1980. Com base no enfoque medológico do “circuito da comunicação”, proposto pelo historiador Robert Darnton, o artigo busca compreender aspectos envolvendo a história da editora, o perfil dos autores da coleção, estratégia de publicidade e conjuntura política. Desenvolvida pelo jovem editor Luiz Schwarcz e publicada em momento de abertura política e de redemocratização no país, a coleção proporcionou espaço para a produção de jornalistas, escritores e professores universitários, muitos deles em início de carreira profissional, com a difusão da trajetória de vida de brasileiros e estrangeiros em campos diversificados de atuação.

Palavra-chave: edição; editora Brasiliense; Encanto Radical; coleção; biografia.

Em diferentes campos do conhecimento, pesquisadores têm se dedicado ao estudo das potencialidades dos usos biográficos para o entendimento de dimensões do passado (e relações com o presente), das transformações ocorridas ao longo do tempo e das características dos acontecimentos históricos. O relato biográfico “ressurge como revelador de individualidades criadoras, de senhas que ultrapassam interesses locais para se integrar às redes transacionais de comunicação” (Souza, 2011, p.303).

No Brasil, jornalistas, historiadores e outros profissionais fazem o levantamento da trajetória de vida de políticos, cantores, escritores, empresários, personagens históricos e outros agentes sociais. Livrarias trabalham com espaço específico para a exposição dos títulos biográficos, contribuindo a venda para o percentual de seus faturamentos. O Prêmio Jabuti, considerado um dos mais tradicionais do país, tem como uma de suas categorias a biografia. Historicamente, iniciativas de editoras brasileiras marcaram a produção de obras biográficas, como acontece ainda hoje.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² É professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola e Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: felipe.quintino@ufms.br

O objetivo deste artigo é apresentar e analisar uma coleção de cunho biográfico chamada Encanto Radical, desenvolvida pela editora Brasiliense na década de 1980. A coleção será compreendida em um pressuposto teórico-conceitual que registra o livro como parte do sistema de comunicação social, observando a sua relação com outros fazeres e dinâmicas da cultura. Ao inserir esta produção na chamada “nova história do livro”, postura que busca a análise por meio de vários enfoques, como modos de produção, relação dos autores com editores e traços econômicos, nota-se que esse caminho pode ser uma alternativa importante de compreensão da pluralidade das biografias. Essa variedade de enfoques tem seu percurso primordial para analisar a produção e difusão do livro, um objeto que é, ao mesmo tempo, uma “mercadoria produzida para o comércio e para o lucro”, e “signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem e pelo texto” (Chartier; Roche, 1995).

Os enfoques metodológicos do historiador Robert Darnton, que oferece uma dimensão histórica aos estudos dos meios de comunicação e da cultura impressa, servirão de parâmetro neste artigo. Na busca por compreender o modo pelo qual as ideias são transmitidas pelos meios impressos, Darnton (2010) dimensiona o conceito de “circuito de comunicação”, que corresponde o percurso que vai desde a produção dos textos à apropriação pelos leitores. Dessa forma, a análise caminha por um circuito amplo que passa por diversos aspectos, como características envolvendo autores, editor, publicidade e conjuntura social.

Fundada em 1943 pelo historiador Caio Prado Júnior, em parceria com Leandro Dupré e Arthur Neves, a editora Brasiliense se constituiu como polo de oposição ao Estado Novo de Getúlio Vargas. Um ano depois de sua fundação, o escritor Monteiro Lobato associou-se ao projeto da editora. Segundo Reimão (2020), ao lado das publicações explicitamente políticas, as obras de Lobato tiveram grande sucesso de venda desde os primeiros anos e uma das estratégias iniciais da editora foi vender coleções de livros em domicílios, mas, ao mesmo tempo, já na década de 1940, instalara a Livraria Brasiliense, na rua Itapetininga, no centro de São Paulo. Na busca por congregar escritores e estudiosos de assuntos brasileiros, a editora lançou a Revista Brasiliense, publicada entre 1955 e 1964, com a colaboração de intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet. Outro projeto de destaque foi o jornal Leia Livros, lançado em 1978, com a proposta de ser um espaço de debates sobre livros. Tinha em média 20 páginas e dividia-se em cinco seções: editorial, bilhete, artigos, resenhas e gerais.

Em 1965, passou a atuar regularmente na empresa Caio Graco Prado, filho de Prado Júnior, assumindo a direção dez anos depois, em momento de crise da casa editorial, cujo lema era “dividir opiniões, multiplicando cultura”. No período da ditadura militar, a Brasiliense situou-se entre as editoras de oposição, segundo classificação de Maués (2013). O pesquisador contextualiza os momentos de prisão do historiador e de seu filho logo após o golpe militar e também a interdição da gráfica Urupês, pertencente à editora Brasiliense, por agentes do Departamento de Ordem Política e Social sob alegação de que imprimia livros subversivos, como o folheto “Um dia na vida de Brasilino”, que denunciava o domínio das indústrias norte-americanas em solo brasileiro. Os dois, segundo Maués, não se intimidavam com as prisões e perseguições por parte dos militares no poder: mantiveram suas atuações editoriais e se engajaram em tarefas de resistência ao poder estabelecido.

Em palestra a estudantes do curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em 1986, Caio Graco definiu assim o seu papel como editor e a proposta editorial da Brasiliense:

A função do que chamo editoração, dentro desse mercado, é a de agitação cultural. No papel de editor sempre me considerei um agitador cultural e acho que nossa função é a de determinar esta ou aquela linha. Ou seja, a função das pessoas que estão em posição de multiplicadores de opinião é exatamente a de multiplicar opiniões e deixar que cada um decida por si qual é a sua política e sua opinião pessoal. Aliás, o lema da Brasiliense, que corresponde a isso, é: “Dividir opiniões, multiplicando cultura. A proposta editorial da Brasiliense é mudar o mundo. É uma proposta muito ampla e longa, mas sabemos que a mais longa viagem começa com o primeiro passo. Participar desta viagem é mais importante, porque jamais chega-se ao fim. Não estou contente com o mundo como está e pretendo ajudar a mudá-lo. Essa é a política da Brasiliense: uma política de agitação cultural, como já disse, de colocar os contrários em face uns dos outros e de fazer as pessoas nunca terem certeza de nada (Prado, 1987, p.106).

A editora Brasiliense pavimentou uma história de influência no debate político-cultural, em especial, com o lançamento de projetos inovadores, a interação com jovens leitores e a conexão aos rumos do país. No clima de abertura na década de 1980, não só política, mas de ideias, a Brasiliense ressurgiu com uma proposta que iria proporcionar ares renovadores ao mercado editorial brasileiro e cativar boa parte de uma geração interessada em novas formas de expressão e comunicação (Rollemberg, 2008).

Entre os projetos desenvolvidos pela Brasiliense, um chama atenção não só pela sua marca e sucesso editorial, mas também por fazer parte da memória de muitos universitários: a coleção Primeiros Passos, iniciada em 1980. Teve inspiração em coleção de origem espanhola chamada Biblioteca de Divulgación Política. A coleção brasileira foi um grande sucesso: os temas do primeiro ano de lançamento, como as edições de *O que é socialismo* (Arnaldo Spindel), *O que é sindicalismo* (Ricardo Antunes), *O que é capitalismo* (Afrânio Mendes Catani), *O que é questão agrária* (José Graziano da Silva) e *O que é ideologia* (Marilena Chauí) alavancaram as vendas, representando boa parte do faturamento. A coleção lançou até 1989 mais de duzentos títulos e vendeu mais de cinco milhões de exemplares. Passou a ser adotada em escolas e universidades e continua, ainda hoje, na bibliografia de disciplinas e consultada por professores, alunos e demais interessados. Para Lemos (2009, p.182), com a publicação da Primeiros Passos, “o maior sucesso de vendas que ela havia experimentado, a editora passou a ter uma nova posição no mercado editorial, se restabelecendo econômica e culturalmente após os duros anos do regime militar”.

Encanto Radical

Nesse cenário de transformações e de crescimento das vendas, a editora lançou em, 1982, a coleção Encanto Radical, objeto de análise neste artigo. Nesse mesmo ano, a Brasiliense colocou nas livrarias do país um livro que se tornou referência de uma geração: *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva.³ Os livros da coleção têm formato 11,5 cm x 16 cm. Boa parte do trabalho com capas e a diagramação dessa coleção ficou sob a responsabilidade da designer Noema Cavalcanti.⁴ Com a criação de cerca de 250

³ Filho do ex-deputado Rubens Paiva, morto durante a ditadura militar, Marcelo Rubens Paiva cursava Rádio e TV na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e tinha 23 anos na época da publicação do livro *Feliz Ano Velho*. O livro conta a história do acidente que o deixou tetraplégico depois mergulhar em um lago e o próprio episódio do dia em que os militares invadiram a sua casa e levaram seu pai. Com venda de 120 mil exemplares nos dez primeiros meses, *Feliz Ano Velho* ficou nas listas dos mais vendidos do país por um longo período.

⁴ Nascida em Recife, em 1942, Noema Cavalcanti é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Por meio do acervo do seu pai, teve contato com o trabalho da gráfica-editora de Recife, O Gráfico Amador, em que poetas, artistas plásticos e escritores prensavam seus próprios livros em tiragens reduzidas. Mudou-se em 1968 para São Paulo. A partir de 1975, Moema tornou-se designer gráfica autônoma. Neste período, começou a experimentar o trabalho com diversas editoras, como Brasiliense, Siciliano, Edusp, Unesp, Ateliê Editorial, entre outras. Em 1985, firmou-se exclusivamente como capista de livro, desenvolvendo uma linguagem visual muito própria, marcada pela manualidade e experimentação. Em 1987, passou a ter um vínculo regular com a editora Companhia das Letras (Aragão; Queluz, 2023).

capas para a Brasiliense, ela criou a logomarca da Encanto Radical. A coleção trazia em sua capa um retrato do personagem biografado e, ao fundo, com uso de cores, como em azul, vermelho, verde e amarelo. Ao final de cada livro, constam a cronologia da vida do biografado, “indicações para leitura” e a biografia do autor. O processo de revisão contou com os profissionais Newton Sodré, José Arruda Filho, Mário Moraes, Cristina Esteves, entre outros.

A editora definiu a coleção em slogan para a chamada publicitária: “Uma coleção que fala de gente, não de heróis. Gente maravilhosa com ideias voadoras”. Em outra chamada, completou o seu objetivo: “Encanto Radical é uma coleção que fala de gente. Com paixão! Inovadores, inconformistas, apaixonados, irreverentes. Contemporâneos que, falando de seu tempo, desvendaram o futuro; perceberam a violência da imobilidade, a necessidade da transgressão, a vitalidade da crítica e a possibilidade de mudanças. Duvidaram de todas as certezas”.

O primeiro número da coleção foi sobre o escritor Dostoiévski. Escrito pelo professor Régis de Moraes, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o livro tem oito capítulos, que perpassam a vida e obra do escritor, os seus amores e as conquistas no campo literário. No final de 1981, ano que se comemorou o centenário de Dostoiévski, Moraes iniciou a produção do texto que passou a fazer parte dessa coleção. No texto de sua apresentação, o professor disse: “Devo confessar que minha competência para retratar Dostoiévski ficou muito, mas muito aquém da veneração que tenho por este patriarca da Literatura”.

Falecido em 1937, com 26 anos, o compositor Noel Rosa teve a sua vida narrada no segundo número da coleção, em texto escrito pelo jovem sociólogo Jorge Caldeira. Na biografia do autor, a editora o apresentou da seguinte maneira: “Chama-se Jorge S. Caldeira Neto, mas chamam-no de Cafu. Tem 26 anos de idade e o apelido, há quinze. É bastante provável que Noel Rosa mereça mais atenções do que ele”. A edição apontou ao final outros textos sobre a trajetória de Noel, como a biografia que Javy Pacheco, primo do compositor, publicou em 1955 com o título *Noel Rosa e sua época* (G.A Penna Editora), voltando à carga três anos depois com o livro *O cantor da vila* (editora Minerva), e a biografia lançada em 1963 pelo radialista Almirante chamada *No Tempo de Noel Rosa* (editora Francisco Alves).

A coleção abriu espaço também para o trabalho de jovens jornalistas, como Telmo Zanini e Ana Maria Bahiana, ambos com 33 anos no momento da publicação dos seus

respectivos livros. Atuando no jornalismo esportivo havia 12 anos, Zanini escreveu o livro *Mané Garrinha: o anjo torto*, com histórias do início da carreira de jogador no futebol, as principais conquistas e o seu relacionamento com a cantora Elza Soares. Ana Maria contou a trajetória do guitarrista Jimi Hendrix, em oito capítulos. Na sua apresentação, Ana Maria abordou o seu contato com a produção do guitarrista: “Hendrix pintou assim no meio do bolo dos anos 60 sem que eu entendesse muito (sou mais filha dos 70 que dos 60). Depois, fui reouvir aqueles trovões e uma coisa iluminou em mim: que fantástico personagem esse homem tão apressado em devorar o fruto do futuro antes mesmo que ele amadurecesse.”

A editora convidou professores universitários, a maioria em início de carreira, para que pudessem participar da coleção. Assim, foram publicados os livros de autoria dos professores Renato Mezan (*Freud*), Nádia Gotlib (*Tarsila do Amaral: a musa radiante*), Valter Krausche (*Adoniran Barbosa*), Berta Waldman (*Clarice Lispector*), Marisa Lajolo (*Monteiro Lobato*) e Arlindo Machado (*Serguei Eisentein*). Já o escritor Paulo Leminky publicou na coleção Encanto Radical três textos biográficos contando a trajetória dos poetas Matsuo Bashô e Cruz e Souza e de Jesus Cristo.

A relação de biografados conta também com a filósofa Simone Weil (Ecléa Bosi), o compositor John Lennon (Lúcia Villares), o dramaturgo Antonin Artaud (Teixeira Coelho), o filósofo Walter Benjamin (Jeanne Marie Gagnebin), o líder revolucionário Emiliano Zapata (Eric Nepomuceno), o escritor Leon Tolstói (Boris Schnaiderman), a atriz Leila Diniz (Claudia Cavalcanti), o ator James Dean (Antonio Bivar), o jornalista Barão de Itararé (Leandro Konder), o escritor Graciliano Ramos (Marilene Felinto), a cantora Carmen Miranda (Luiz Henrique Saia), o escritor Marcel Proust (José Maria Cançado), o poeta Vinícius de Moraes (Geraldo Carneiro), o aeronauta Santos Dumont (Orlando Senna), o ator Procópio Ferreira (Décio de Almeida Prado), o poeta Manuel Bandeira (Júlio Guimarães), o pintor e escultor Marcel Duchamp (Paulo Venâncio Filho), o jornalista Cypriano Barata (Marco Morel), o escritor Machado de Assis (Luzia de Maria), entre outros. A coleção foi encerrada em 1987, com mais de 80 títulos publicados.

No começo de carreira no meio editorial, Luiz Schwarcz esteve à frente dos trabalhos na Encanto Radical, assim como na coleção Primeiros Passos. Nascido em São Paulo, ele iniciou como estagiário na Brasiliense quando cursava Administração de Empresas na Faculdade Getúlio Vargas (FGV). O seu então professor, Eduardo Suplicy, ligou para Caio Graco o apresentando para o estágio. Logo que terminou o estágio, Caio

o convidou para o cargo de gerente administrativo. Ficou como chefe da responsável pelo Departamento de Pessoal, do encarregado da produção gráfica e do supervisor do depósito. Caio o chamava para compartilhar decisões editoriais. Passou a ser convocado às reuniões em que eram levadas fichas com os nomes de colaboradores para que fossem selecionados os freelancers que trabalhariam nos livros recém-contratados. Schwarcz acrescentou nomes ao elenco de colaboradores e acabou responsável pela contratação dos tradutores e designers e por levar as artes das capas para a aprovação final do Caio. No período de sucesso da Primeiros Passos, o nome do seu novo cargo mudou para gerente editorial.

Em livro lançado recentemente com o título *O primeiro leitor: ensaio de memória*, Schwarcz comentou o seu trabalho na coleção Encanto Radical dizendo ser das melhores coisas que fez na vida. Contou a relação de amizade com Caio e também os momentos de estremecimentos com seu chefe. Em 1986, aos 30 anos, ele fundou a sua própria editora, a Companhia das Letras, hoje um dos maiores grupos editoriais do Brasil.

Os nomes ousados das coleções, como Cantadas Literárias e Encanto Radical – esta uma série de biografias charmosas de personagens transgressoras, que reputo ser das melhores coisas que fiz na vida –, sofriam ataques constantes de autores tão importantes quanto editorialmente conservadores. Em muitas ocasiões eles chegavam a convencer o Caio. Foi o caso da Encanto Radical, que graças a um decano jornalista quase virou “Grandes vidas” ou algo do gênero. Nestas horas, o Caio Túlio Costa me ajudava a argumentar e a manter os títulos mais criativos. É curioso como ideias irreverentes minhas e dele morreriam com títulos caretas. Desde então, e por isso mesmo, desenvolvi certa habilidade para dar títulos a livros e coleções. Brinco por vezes que essa será a última capacidade editorial que perderei, e que na minha velhice extrema serei apenas chamado para dar títulos a livros difíceis de nomear e, eventualmente, cuidar das suas capas. Em meio a tanto sucesso, com milhares de exemplares vendidos, foi inevitável que crescesse um conflito entre mim e meu chefe, e a culpa inicial foi minha (Schwarcz, 2025, p.68).

A coleção Encanto Radical pode ser compreendida em um movimento de retomada, a partir de 1980, do gênero biográfico, alvo de críticas ao longo da história.⁵

⁵ A biografia apareceu junto com o gênero histórico no século V e difundiu-se, sobretudo, na cultura helenística e romana. A escrita biográfica, na época, tinha uma função moral ao mostrar aos leitores condutas a serem seguidas e respeitadas. Na Idade Média, tal concepção ainda permanece, principalmente, com o florescimento das hagiografias, a vida dos santos. No entanto, a visão do herói começa a ser contestada no século XVIII, em nome da razão, pela filosofia das Luzes. Os méritos pessoais vão ser ligados a uma capacidade mais geral, como forma de explicação do coletivo em determinada época. Segundo Dosse

Os historiadores e demais profissionais das ciências humanas apostam no gênero como forma de lidar com seus problemas de pesquisa. Essa retomada tem relações com crises do paradigma estruturalista, no campo das ciências humanas, e com falhas no que Hartog (1999) chamou de “regime de historicidade” pautado no presente. Segundo Hartog, “este presente, já inquieto, descobriu-se em busca de raízes e de identidade, preocupado com a memória e as genealogias” (p.15). Nesse sentido, há essa volta ao passado na busca de construção de identidades, memórias e registros de vozes até mesmo esquecidas no tempo. Na década de 1980, em paralelo ao sucesso de vendas das coleções, a editora Brasiliense publicou livros das áreas de ciências humanas de autores ligados ao meio universitário, entre eles, José Arthur Giannotti, Jean-Claude Bernadet, Ruy Fausto, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Heloísa Buarque de Hollanda.

Considerações finais

Os livros da Encanto Radical foram publicados em contexto de consolidação da abertura política e de redemocratização no Brasil, a ponto de o próprio Caio Graco ter se engajado publicamente na Campanha das Diretas Já, momento de intensa mobilização que pedia a eleição direta para presidente, com apoio de artistas, intelectuais e esportistas. Ele teve a ideia de usar o amarelo como a cor das Diretas Já. A inspiração veio a partir das manifestações populares das Filipinas contra o então presidente Ferdinand Marcos, com os manifestantes de amarelo. Abrindo espaço para a produção de jornalistas, escritores e professores universitários, muitos deles em início de carreira profissional, assim como o próprio responsável pela Encanto Radical, a Brasiliense sedimentou nessa coleção uma iniciativa importante de produção biográfica no mercado editorial, com a difusão das trajetórias de vida de brasileiros e estrangeiros em campos diversificados de atuação.

(2009, p.180), ao longo do século XIX e início do século XX, há um regime de duas velocidades do gênero biográfico: ele sai melhor no discurso escolar e nas publicações ditas populares e, em contrapartida, vai “sendo cada vez mais abandonado por acadêmicos e historiadores eruditos, que o veem com grande desdém”. Os historiadores vão se concentrar na história das civilizações e dos povos, minimizando o peso dos indivíduos em seus estudos. O marxismo, ao se pautar nas lógicas dos atores coletivos (as classes), também não reservou ao biográfico um espaço significativo.

Referências

- ARAGÃO, Pamela; QUELUZ, Marilda. Moema Cavalcanti: manualidade e experimentação nas capas de livros da Companhia das Letras. Anais do 11º Congresso Internacional de Design da Informação, 2023.
- BAHIANA, Ana Maria. **Jimi Hendrix**: domador de raios. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CALDEIRA, Jorge. **Noel Rosa**: de costas para o mar. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. “Como escrever a história da França?”. **Anos 90**, Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n. 7, julho 1997.
- LEMOES, Andrea. **Civilização Brasileira e Brasiliense**: trajetórias editoriais, empresários e militância política. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense, 2009.
- MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: editoras de oposição no Brasil, 1974- 1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- MORAIS, Regis de. **Dostoievski**: o operador dos destinos. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PRADO, Caio Graco. Mercado de opinião e políticas editoriais. In: ROCHA, José Carlos (org.). **Políticas Editoriais e Hábitos de Leitura**. São Paulo: ComArte, 1987.
- REIMÃO, Sandra; CRENI, Gisela. (orgs.). **Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense**. São Paulo: Publicações BBM, 2020.
- ROLLEMBERG, Marcello Chami. Um circo de letras: a Editora Brasiliense no contexto sócio-cultural dos anos 80. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal (RN), setembro de 2008.
- SCHWARCZ, Luiz. **O primeiro leitor**: ensaio de memória. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.
- SOUZA, Eneida Maria de. A biografia, um bem de arquivo. In: NITRINI, Sandra (org.). **Tessituras, interações, convergências**. São Paulo: Hucitec; Abralic, 2011.
- ZANINI, Telmo. **Mané Garrincha**: o anjo torto. São Paulo: Brasiliense, 1984.